

## Uma volta pelo Brasil, mas sem retorno

uma crítica à obra de Manuel  
Bonfim e Olavo Bilac por  
Marcus Arcanjo

Um país sem pessoas não existe. Pessoas são os corpos que trabalham, são os cidadãos que votam, são os reprodutores de novas gerações e aqueles que dão a razão de dizer que: "aqui é: O Brasil" é um desses países repleto de pessoas e de espaço. O território é o quinto maior do mundo, mas também é o quinto com mais casos de feminicídio. O país é o quinto mais feliz e também o quinto na percepção de inflação. Esses dados tentam sondar a população, notar as divergências e exaltar as qualidades.

Não é de hoje que tenta-se criar formas de retratar esse espaço que atualmente ocupamos. O livro *Através do Brasil* de Manuel Bonfim e Olavo Bilac, lançado em 1910, é uma tentativa ousada. Passando por todas as cinco regiões do país, o livro acompanha Carlos e Alberto dois garotos brancos moradores de Recife na busca por seu pai, um engenheiro que havia deixado os dois para trabalhar em uma obra no interior do Nordeste. Enquanto caminham pelo território, seja de trem, seja a pé, seja a barco, os dois seguem interagindo entre si e com os outros a redor.

Quando o livro nos foi apresentado durante a reunião de fim de ano, foi colocado com uma antecipação de desconforto. "Vocês vão perceber que esse texto tem alguns ~~viéses~~", disse nosso orientador, "apesar de ser decolonial para época". No tempo que foi escrito, o Brasil estava se encaminhando para sua terceira década como República, que havia sido declarada em 1889. A Indústria nos seus moldes Fordistas/Taylorista começa a penetrar na organização produtiva do país. Oswaldo Cruz e Pereira Passos são postos como cabeças de uma reforma arquitetônica e sanitária na capital federal da época, o Rio de Janeiro. Bem no fim da década, também, assume Nilo Peçanha no lugar de Afonso Pena, vítima da pneumonia, e cria o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais que buscava indígenas e ex-escravizados para trabalhar nas terras que não eram destino dos Imigrantes. Como um todo, as elites intelectuais, econômicas e políticas tinham um alvo: a modernização.



Quando o livro nos foi apresentado durante a reunião de fim de ano, foi colocado com uma antecipação de desconforto. "Vocês vão perceber que esse texto tem alguns viéses", disse nosso orientador, "apesar de ser decolonial para época". No tempo que foi escrito, o Brasil estava se encaminhando para sua terceira década como República, que havia sido declarada em 1889. A Indústria nos seus moldes Fordistas/Taylorista começa a penetrar na organização produtiva do país. Oswaldo Cruz e Pereira Passos são postos como cabeças de uma reforma arquitetônica e sanitária na capital federal da época, o Rio de Janeiro. Bem no fim da década, também, assume Nilo Peçanha no lugar de Afonso Pena, vítima da pneumonia, e cria o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais, que buscava indígenas e ex-escravizados para trabalhar nas terras que não eram destino dos Imigrantes. Como um todo, as elites intelectuais, econômicas e políticas tinham um alvo: a modernização.

O texto era decolonial para seu tempo, Manuel Bomfim acreditava que o mal do Brasil não era de uma suposta contaminação racial, o terror da miscigenação racial que estava em voga no fim do século XIX e começo do XX. Não, para Manuel Bomfim o Brasil era uma vítima na realidade de um parasitismo de uma metrópole parasita, inimiga do progresso:

**O mundo ibérico possuíra até então um ideal – aventuras, conquistas, saques heróicos; agora, abraçado à presa, um novo programa se define, um novo ideal político e nacional se elabora, e logo se impõe: conservar; nem inovações, nem progresso; nenhum direito, nenhuma Liberdade, principalmente nas colônias, porque liberdades e direitos representavam ataques aos privilégios dos exploradores, à custa dos quais viviam todos.**

Manuel era um entusiasta do progresso e acreditava que a organização que até então vinha sendo imposta pelos colonizadores criava um ambiente exploratório onde a produção dependia, "apenas, do número de cativos e da cruza dos açoites." Porém, nesse território onde o privilégio dominava sobre o progresso, os bandeirantes são o princípio norteador desse espírito aventureiro perdido.

Ah! esses bandeirantes! E ainda não nasceu no Brasil um poeta capaz decompor a definitiva epopeia sertanista! Aqueles homens, invadindo os sertões, criaram o Brasil: Gabriel Soares, Melchior Dias, Francisco de Souza, Fernão Dias Pais, Antônio Dias, Arzão, Bueno de Siqueira, Borba Gato, Moreira Cabral, Bueno da Silva e tantos outros, desbravaram as florestas virgens, e exploraram todo o território de São Paulo, de Minas, de Goiás e de Mato Grosso. E quantos episódios heroicos, quantas aventuras épicas! (pp. 220)

Epopeia, desbravamento e heroísmo! Talvez o que poderia ser dito sobre aqueles que há três anos tacaram fogo na estátua de Borba Gato na Zona Sul de São Paulo, não sobre os bandeirantes. Ao menos é o que muitos diriam, e que muitos escutaram. E o que Carlos e Alberto escutaram em sua jornada?

– Pouco importa! Disse o moço. – Viajar é sempre útil. Em geral, os brasileiros são sedentários, e não conhecem o seu país. Eu viajo há quase dez anos, e ainda não estou farto. (pp. 41)

Os dois rapazes atiraram-se ao serviço com um ardor extraordinário. Nas horas de menos forte calor, também Alfredo os auxiliava – muito orgulhoso por dizer que também era capaz de trabalhar. O certo é que colhiam, cada dia, tanto quanto os outros trabalhadores, que eram homens adultos e robustos. Até o fazendeiro estava admirado. (pp. 84)

Outros trechos mais extensos também trataram sobre as formas de produção do café (pp. 211-215), da borracha das seringueiras (pp. 236) e da cana-de-açúcar (162-164). Sobre esses, a quem interessar, a busca é produtiva, contudo extensa demais para se extrair os trechos aqui no texto. // Outro detalhe importante é o valor dado a chegada dos imigrantes da Europa (pp. 217 e 218). Os italianos especialmente são muito destacados por “serem uma raça boa, inteligente, dotada de vivo gênio de iniciativa”. Trabalham nas mais diversas áreas, desde a indústria paulista até os latifúndios cafeeiros.



**Aqui é necessário fazer uma pausa.** É interessante de fato toda a busca que Bomfim e Bilac fazem, a concepção de que na realidade o problema do Brasil é uma suposta falha inicial sustentada pelo ócio do privilegiado às custas do sofrimento improdutivo é um passo interessante em direção às ideias que temos hoje de uma realidade construída pela história e cultura. Contudo, da forma que é posto pelos autores é possível postular uma tendência dos autores de um cenário seguinte: haveria um momento inicial de resistência significativa, de povos independentes de culturas próprias que entram em conflito e, nessa guerra, os europeus vencem e, se antes tinham um tino para o avanço, para a exploração, para o progresso (fato que se omite dizer enfaticamente dos povos aborígenes), o perderam ao viverem do privilégio. Nesse cenário, o indígena e o negro são os espólios da guerra, vítimas, sim, e, ainda mais: vítimas cansadas, doentes e quebradas pelo conflito e perseguição. Porém, se se assenta na realidade objetiva de um abuso real do poder, coloca na mão do europeu e do miscigenado (com o europeu) esse destino moral de libertar a todos e guiar, novamente, ao progresso de outrora. Linha de raciocínio que descarta e esquece os esforços que não surgem dessa origem ou pura em demasia ou misturada de origem.

Os povos. grande

Na última postagem que fiz no portal, tratei sobre o conceito de Teko Porã, o bem viver, em contraponto ao viver bem associado às posses materiais. Ao longo da história percebemos que a riqueza que brilha os olhos das crianças é a riqueza do ouro, do diamante, dos milhões de sacas de café que são produzidas. Essas crianças criadas por Bomfim e Bilac amam a riqueza que o país pode gerar e admiram a todos que a exploram com esforço e orgulho, mas desgostam daqueles que se recusam a fornecer sua força de trabalho.

Retomando o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais, a experiência da iniciativa diz um pouco sobre o choque e a dificuldade do diálogo até mesmo quando a intenção era essa. Nos relatórios ministeriais são muito alegados supostos "estorvos no trato de gentes cujo atraso mental e diversidade de costumes exigiam demorada e prudente ação." Ou seja, se a solução era validar a posse da terra indígena através da imposição de um modelo de trabalho agrícola Juruá, o resultado estava sendo de fato pouco proveitoso e não se pode dizer que seja por falta de conhecimento desses povos, ao contrário do



relato apresentado. Ao meu ver, o que ocorre é uma negação da própria sabedoria de um povo em como cultivar sua própria terra e realizar a partilha de seus frutos.

A forma que as qualidades da terra foram sendo tratadas no correr do livro me retomaram uma fala de Ailton Krenak no programa Roda Viva: "O pensamento de um escravo do capitalismo é tão mágico que acredita que pode acabar com o mundo e criar outro." O mundo daquelas crianças era um mundo onde a riqueza nunca era pouca e os trabalhadores nunca eram demais, São Paulo, que teve <sup>↑</sup>grade destaque, era a prova.

*VSF.* - Naturalmente. A riqueza natural, o conforto material, e a cultura moral atraem sempre as correntes imigratórias. Só em 1909, entraram em São Paulo mais de quarenta mil imigrantes. (pp. 221)

A vontade que dava era dizer às crianças, "não, não, isso é mentira, não acreditem no que estão te dizendo". Abrir as páginas do livro e de alguma forma reestruturar a narrativa, um fragmento da história da riqueza, de um outro ponto. O desamparo não era só das crianças que estavam sem família, andando de um lado para o outro, era um desamparo geral de uma nação de pessoas fugidas, procurando a identidade ou a salvação na riqueza.

Carlos e Alberto, ao menos, tinham razão de tanto procurar o recurso que iam atrás, e sabiam onde chegar. Contudo, foram se encontrando com muitos que pareciam estar na mesma busca, porém sem rumo. O ouro que sempre haveria mais na próxima jazida, o café que esgota a terra mas tem outras para se esgotar. E, se tudo finda-se, haveria o Mato Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul...

*oo* Goiás também é gigantesco; tem quase oitocentos mil quilômetros quadrados. Infelizmente essas duas colossais porções da terra brasileira são quase desconhecidas, por falta de vias de comunicação fácil com o litoral (pp. 208)

Dia 18 de Dezembro de 2023 um casal de rezadores foram queimados vivos dentro da casa de reza em sua aldeia perto da cidade de Aral Moreira no Mato Grosso do Sul. Quatro dias depois de 24 dos 33 vetos do presidente Lula na PL 2903 serem derrubadas pelo Senado. 321 votos pela derrubada e 137 pela manutenção na Câmara dos Deputados.

Comentando a importância do Marco Temporal, nome pelo qual ficou conhecida a proposta de Lei, falou o parlamentar Marcos Rogério.

— Não podemos viver em um país que desrespeite a tradição, que desrespeite a tradição jurídica. E esse é o momento em que o povo brasileiro, o setor produtivo, contava com o Congresso Nacional para derrubar o veto ao marco temporal e garantir segurança jurídica para quem está no campo produzindo, segurança jurídica para quem está na terra. Nós não queremos violência. Nós queremos paz no campo e paz para quem está trabalhando e produzindo alimentos para o Brasil e para o mundo. !!

*Muito bom*  
Essa primeira frase do parlamentar me fez pensar muito sobre o que é posto como tradição. Tradição vem do latim Traditio, passar adiante, transmitir, ou seja, bem íntimo do conceito de ancestralidade que vem do Latim antecedere, que vem antes. Afinal, o que é transmitido, passado, é passado de antes. Contudo, chegamos nessa frase que muitas outras coisas solapam o que é essa tradição, que não é só tradição, é tradição jurídica; tradição jurídica que protege quem está no campo produzindo. Então, uma mesma frase que poderia tranquilamente ser pró demarcação e asseguração da vida e cultura dos povos tradicionais do continente que habitamos, Abya Yalla, se vira ao avesso.

O mesmo me surgiu lendo Através do Brasil. O branco não tem raça, não tem passado, mas tem um pai ausente que não se sabe se tá vivo ou morto, que lhe fornece contatos para o futuro, como um pacto. E com uma tradição tão rasa é fácil que tradição vire a proteção do chicote que Bomfim rechaçou.



## referências

QUINTANILHA, Daniela, 2023. Isto é Dinheiro. Brasil é o quinto país mais feliz do mundo mostra estudo. Acesso em: <https://istoedinheiro.com.br/brasil-e-o-quinto-pais-mais-feliz-do-mundo-mostra-estudo/>

SISCOMEX, 2022, O Brasil na primeira década do século. Acesso em: [O Brasil na primeira década do século americano \(1901-1910\) — Siscomex](#)

CUNHA, Carolina, 2019. UOL. Brasil é o 5º país em mortes de mulheres no mundo. Acesso em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/feminicidio-brasil-e-o-5-pais-em-morte-violentas-de-mulheres-no-mundo.htm>

BARRETO, Elias, 2022. CNN Brasil. Brasil é o quinto país no ranking de mundial de percepção da inflação. Acesso em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/brasil-e-o-quinto-pais-no-ranking-mundial-de-percepcao-da-inflacao-afirma-ipsos/>

MEMÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA (MAPA), 2019, Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais. Acesso em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/ultimas-noticias/686-servico-de-protecao-aos-indios-e-localizacao-dos-trabalhadores-nacionais>

BOMFIM, M. A América latina: males de origem [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 266. ISBN: 978-85-99662-78-6. Available from SciELO Books .

KRENAK, Ailton, 2021. Fala ao programa Roda Viva. Acesso em: <https://youtu.be/BtpbCuPKTq4?t=2848>. Acessado: 29 de janeiro de 2024.

AGÊNCIA SENADO, 14/12/2023. Congresso derruba veto ao marco temporal para terras indígenas. Acesso em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/12/14/congresso-derruba-veto-ao-marco-temporal-para-terras-indigenas>